

Resumos/ Zusammenfassungen

Ressonâncias de Portugal em Mário de Andrade – da lusofonia a outras latitudes

Mirhiane Mendes de Abreu

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a imagem de Portugal como elemento constitutivo do pensamento de Mário de Andrade, seja como referência histórica, seja como parte de sua investigação sobre a contemporaneidade. A partir da análise de sua correspondência inédita com intelectuais portugueses, publicações em periódicos lusitanos e manuscritos preservados em seu arquivo, busca-se compreender como as relações culturais e intelectuais entre Brasil e Portugal foram assimiladas e ressignificadas em sua visão crítica sobre cultura, narrativa e identidade.

Assim encaminhada a questão, a comunicação se estrutura em dois eixos. O primeiro consiste na exposição do mapeamento do interesse de Mário de Andrade pelo universo cultural português. O segundo expande essa análise para além do espaço lusófono, examinando como suas publicações em periódicos portugueses dialogaram com outras tradições estéticas, em especial o romantismo alemão. Nesse sentido, discute-se como Mário de Andrade reinterpretou a teoria do fragmento formulada por Novalis, explorando suas implicações na construção de sua perspectiva sobre a identidade cultural brasileira. No contexto das suas publicações nas revistas portuguesas *Atlântico* e *Presença*, Mário de Andrade estabeleceu diálogos epistolares com intelectuais portugueses, utilizando o fragmento como estratégia estética e epistemológica. Suas escolhas editoriais para esses periódicos não foram fortuitas, mas fruto de uma criteriosa reflexão crítica, como evidenciado em sua correspondência com Casais Monteiro e outros interlocutores portugueses. Sua escrita modernista operava na interseção entre o hibridismo formal e a experimentação, articulando tanto a tradição histórica e cultural compartilhada entre Brasil e Portugal, quanto referências a expressões literárias germânicas.

Dizendo de modo sumário, este estudo investiga como a escolha do fragmento para suas publicações não apenas exprimia um conteúdo de identidade, como também reconfigurava as relações culturais e intelectuais que o conectavam a Portugal e, a partir dele, a um espaço transnacional mais amplo. O seu diálogo com Portugal, portanto, não se limitou a um circuito lusófono fechado, mas projetou-se para além da chamada ilha da lusofonia, estabelecendo interlocuções e ressonâncias que alcançaram outras latitudes.

Dadaísmo em tradução poética

Maria Aparecida Barbosa

Este estudo diz respeito à leitura de textos literários, cujos elementos constituintes infringem as convenções sintáticas e semânticas. Com isso, a fluência da leitura apresenta entraves, não há uma concatenação que nos auxilie a acompanhar algo como uma ideia coesa e referencial. As subversões, as inserções de expressões estrangeiras e de recursos de linguagem visual ou sonora, as paronomásias e outras figuras de linguagem desnorteiam os sintagmas da combinação gramatical. As parcelas se apresentam em sequência coordenada, dificultando a interpretação hermenêutica que gradativamente integraria um sentido articulado em subordinações, amplo. Até que ponto seria possível ler e interpretar esse texto? Em que medida ele seria passível de tradução? Os textos literários que de maneira mais enfática assim operam são os textos Dadá. Ensaio uma seleção de poemas que constituem a literatura dadaísta em língua alemã, a fim de compor um dossiê em português. O processo inicial de abordagem e leitura do material se ancora na metodologia de reconhecimento da Linguística de texto. E assim como Walter Benjamin empreendeu um estudo histórico e cultural do século XIX, na tentativa de discutir sua circunstância, me familiarizo com o objeto à luz da História político-cultural. Além dessas áreas, os respectivos Estudos da Tradução e a Tradução poética, que postula estratégias próprias para corresponder à textura tátil da língua alemã, têm afinidades com o que a cultura de destino designa "transcrição".

Modernismo brasileiro tipo-exportação?

Maykson Cardoso

Nesta comunicação, propõe-se uma avaliação crítica de exposições que, recentemente, dedicaram-se a re-apresentar o modernismo brasileiro ao público europeu, a saber: 1. a 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque* (2024), curada pelo brasileiro Adriano Pedrosa; 2. a exposição “Tarsila do Amaral: Peindre le Brésil moderne” (2024-2025), curada por Cecilia Braschi no Musée du Luxembourg, em Paris; e, finalmente, 2. a exposição “Brasil! Brasil! The Birth of Modernism” (2024-2025), curada por Fabienne Eggelhöfer e Roberta Saraiva Coutinho, inaugurada primeiramente no Zentrum Paul Klee, em Berna, na Suíça, e na Royal Academy, em Londres, desde janeiro de 2025. Para tanto, parte-se de algumas perguntas, como: de que modo essas exposições contribuem (ou não!) para uma re-avaliação do modernismo brasileiro no contexto europeu? E mais: de que modo colocam em crise (ou não!) o próprio modernismo europeu a partir da produção artística do modernismo brasileiro? A fim de responder tais questões, parte-se: 1. de uma análise dos statements curatoriais; 2. do conjunto de obras que compõem as exposições; 3. bem como do próprio design de exposição (expografia). Recorre-se, também, às pesquisas de Viviana Gelado, em especial, seu “Poéticas da Transgressão: Vanguardas e Cultura Popular nos anos 1920 na América Latina” (2006), bem como a obra recente de Rafael Cardoso, “Modernidade em Preto e Branco: Arte e Imagem, Raça e Identidade no Brasil” (2022). Ambos os autores enfatizam as origens populares dos movimentos de vanguarda na América Latina e no Brasil, na contramão da “narrativa oficial” que atribui o advento de nossas modernidades “tardias” às elites financeiras e culturais da época — uma “narrativa oficial” com a qual essas exposições mais recentes sobre o modernismo brasileiro no contexto europeu parecem convergir em termos epistemológicos, curatoriais e/ou expositivos.

Laços de família de Clarice Lispector: plantas, animais, convivencialidades

Hans Fernández

Clarice Lispector (1920–1977), autora brasileira nascida na Ucrânia e de família judia, constitui uma figura essencial da literatura do Brasil do século vinte, assim como uma das principais representantes da terceira geração do modernismo deste país, cujo estilo narrativo — como fica evidente em seus contos e romances — é marcado por elementos metafísicos, introspectivos, psicológicos, existenciais que lhe conferem um cunho específico nas literaturas não só do Brasil, mas também do mundo lusófono. Entretanto, e para além disso, em sua obra se desdobra uma tematização permanente e uma profunda reflexão sobre as interações entre o ser humano e a natureza.

Na presente comunicação, e à luz das reflexões fornecidas pela ecocrítica (Andermann et al. 2023), em particular nos estudos animais (DeVries 2016, Vieira 2017) e de plantas (Nascimento 2021, Vieira 2015, Wylie 2020), se exploram os procedimentos de descrição e representação estética, bem como a funcionalização poética do mundo vegetal-animal em *Laços de família* (1960), com a hipótese de que nesta coletânea de contos sua autora, Clarice Lispector, propõe novas formas de convivencialidade com esses reinos e uma política de desierarquização de espécies.

Modernismo com café, Modernidade descafeinada

Viviana Gelado

Levando em consideração as tensões entre estética e política, que atravessam a implantação da modernidade no Brasil e, especialmente, as produções do Modernismo de 1922, esta apresentação se propõe a realizar uma análise da ópera *Café*, de Mário de Andrade. Concebida entre 1933-1934, a ópera ficou inacabada. Sua estreia aconteceu apenas em 2022, no Teatro Municipal de São Paulo (mesmo cenário da Semana de Arte Moderna). A análise se ocupará de aspectos relativos à história da escrita do libreto, às dificuldades relativas à composição das partituras (entre 1933 e 2020, de Francisco Mignone a Felipe Senna, passando por Hans-Joachim Koellreutter) e à montagem contemporânea. Sob a direção geral de Sérgio de Carvalho, participaram da posta em cena, entre outros, membros do MST-Movimento de trabalhadores rurais sem terra.

Ao tempo da estreia da ópera, outra instituição cultural dependente do estado de São Paulo, o MASP-Museu de Arte Moderna, proibiu a exibição de três imagens históricas do MST, que faziam parte da exposição *Histórias brasileiras*, no marco do programa “Arte e descolonização”, organizado pelo MASP desde 2018. Da equipe curatorial da exposição fazia parte Sandra Ara Rete Benites, liderança guarani nhandeva e primeira curadora indígena convidada por um museu de arte no Brasil para desempenhar essa função. A proibição da exibição das fotos do MST derivou na renúncia da equipe curatorial.

Em ambos os casos —a ópera e a exposição, os trabalhadores rurais e os povos indígenas— trata-se de tensões internas persistentes no modelo de modernização brasileiro, i.e., a abertura para uma linguagem moderna (reconhecida internacionalmente) e, ao mesmo tempo, as dificuldades de se abrir para o todo social. Percepções e preocupações estas presentes no pensamento estético de Mário de Andrade, entre 1929 e 1934, no que ele próprio denominara sua “fase sócio-estourante”.

Para levar adiante a análise, lançaremos mão da produção ensaística e poética de Mário de Andrade, bem como de sua correspondência. Paralelamente, convocaremos os registros contemporâneos intermediais, produzidos em torno das montagens da ópera *Café* e da exposição visual *Histórias brasileiras*, em 2022.

A gramática do vivo: Maria Gabriela Llansol e o *Livro das Comunidades*

Janniny Kierniew

No Livro das Comunidades, primeiro da trilogia Geografia de Rebeldes, a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008) explora fronteiras que rompem com as formas convencionais de escrita. O livro é uma espécie de ruína entre canto místico, prosa, poema, enredo, drama e ficção, figurando o encontro inesperado do diverso na própria forma da escrita. O texto se assemelha a um jogo, uma dinâmica que desafia a lógica, avança por paradoxos e confronta o leitor, convidando-o a entrar no campo da linguagem, sempre em disputa, no exercício próprio de viver em comum – em comunidade. Escrito na década de 1970, efeito do exílio da ditadura salazarista e da experiência da Escola da Rua Namur, Llansol articula uma experimentação radical com a linguagem – tal como na vanguarda modernista –, oferecendo o texto como um espaço horizontal entre seres e coisas do mundo, uma possibilidade para uma comunidade de singularidades, onde diferentes formas de vida tentam outra ocupação na terra, menos hierarquizada e destituída de poder. Algo que, com Achille Mbembe, formulamos em termos de habitação do Aberto, um cuidado dedicado ao Aberto, categoria que pressupõe a disponibilidade de estar com, ao mesmo tempo que sustenta a condição de (in)comum. A partir dessa perspectiva, este trabalho busca ampliar as possibilidades de escrita, leitura e experimentação com e na linguagem, compreendendo tais práticas como uma forma de existência em comunidade que privilegia a invenção por meio da noção llansoliana de não hierarquização do vivo. A proposta é uma reflexão sobre um modo de partilha da vida que se manifesta em texto e criação, que instaura uma comunidade de singularidades no em aberto: um espaço para a criação que vai na direção de relações integradas, cuidadosas e horizontais com o vivo.

Patrícia Galvão e o teatro amador (ou Pagu lendo Artaud)

Rodrigo Labriola

Patrícia Galvão (1910-1962), mais conhecida como “Pagu”, foi escritora, desenhista, tradutora, jornalista, diretora de teatro e militante comunista. Sua estereotipada figura de “musa” do modernismo brasileiro, quiçá pelo apelo romântico e aventureiro da sua história, concentrou a maioria dos estudos sobre ela nos seus vínculos com o modernismo e a política nas décadas de 1920 e 1930. Nossa pesquisa, ao contrário, se debruça sobre a última etapa da sua vida, que começa quando sai da cadeia em julho de 1940: anos em que vai substituindo progressivamente sua militância política, primeiro pela tarefa jornalística, e depois pela atividade teatral. Como destaca a pesquisadora Fernanda Garbeiro, “os anos posteriores aos das detenções se configuram por uma nova ruptura: através das artes, sobretudo do teatro e da poesia, Pagu se dispõe à construção de um novo caminho de luta” (GARBEIRO, 2014, p.74). Com efeito, depois da catártica autobiografia-testemunho, *Autobiografia precoce* (publicada recentemente em 2020), em 1949 Patricia Galvão tenta o suicídio com uma bala na cabeça. Como se fosse uma metáfora de um “câmbio de cabeça” drástico, depois da tentativa de suicídio, nasce uma intelectual que agora reformula sua práxis política a través do teatro e da cultura, adquirindo uma compressão mais ampla dos modernismos no contexto das vanguardas na América Latina. Portanto, pretendemos aqui estudar o caminho da transformação de Pagu (a modernista e militante política) em Patrícia Galvão (a intelectual que politiza o teatro e a cultura). Seguindo a linha dos estudos das vanguardas latino-americanas como “discurso cultural” (GELADO, 2006), nossa hipótese é que Patricia Galvão não abandona o horizonte das vanguardas, mas o redefine culturalmente, focando na vitalidade da prática do teatro amador (na cidade de Santos), sobretudo a partir da suas leituras de Antonin Artaud.

Formas da (des)interpretação irônica: Haroldo de Campos e Elvira Vigna como leitores de “A preocupação do pai de família”, de Franz Kafka

Susana Kampff Lages

Com esta comunicação pretende-se examinar a leitura que fazem dois autores brasileiros de um dos mais enigmáticos contos de Franz Kafka, sob o prisma da ironia e do humor, dispositivos privilegiados de leituras pós-modernas - ou pós-modernistas. Para tanto, pretende-se contrapor, de um lado, o poema-síntese “O K do problema”, de Haroldo de Campos, à luz de sua própria interpretação do conto e da obra kafkiana e, de outro, o microconto ilustrado “Odradek [Die Sorge des Hausvaters]”, de Elvira Vigna, à luz do conjunto de contos publicados no volume *Kafkianas*, com o propósito explícito de reescrever e ilustrar visualmente uma seleção pessoal de contos de Kafka, extraídos, em parte do volume *O médico rural* e, em parte, do espólio do autor tcheco. Nesta reflexão sobre a transcrição haroldiana e a reescrita vignana, o exame do uso do humor e da ironia nos diferentes processos de reimaginação e releitura da obra kafkiana deverá evidenciar o caráter e a diversidade de formas e possibilidades da tradução literária, visual e cultural no Brasil contemporâneo.

“Os Puristas São Enfadonhos e Inúteis”: Emilio Villa e o Brasil Emilio Villa, poeta, crítico de arte e tradutor, foi uma das figuras mais singulares e explosivas da cultura italiana do século XX.

Andrea Lombardi

Poliglota e erudito, poeta, crítico de arte e tradutor, transitou entre as vanguardas artísticas e literárias internacionais. Tendo chegado nos anos 50 no Brasil, trabalhou como colaborador de Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo. Sua visão de uma língua brasileira livre de amarras puristas, sua exaltação do dinamismo cultural e seu entusiasmo pelo sincretismo linguístico e artístico do Brasil antecipam muitas das discussões contemporâneas sobre globalização cultural e fluidez das identidades.

Villa era um vanguardista, como se lê em carta que enviou nos anos 60 a Bardi: “Reunimos todos os operadores de poesia da maior vanguarda do mundo (uns cinquenta, são todos amigos, eles se encontram todos ao alcance, na Europa, nos EUA, na América, no Japão) + realizadores, diretores, operadores, técnicos. ...Gravamos eles em fitas, reproduzimos em eletrônica, transistorizámos, fotocelularizámos, discografámos, cinematografámos”. Para ele, o Brasil representava um campo aberto de possibilidades, ao passo que a Europa estava presa a convenções desgastadas. Em ensaio publicado na revista Habitat, Villa desenvolve uma argumentação irônica e corrosiva contra os puristas da língua portuguesa no Brasil e os puristas em geral. Para Villa, o Brasil se tornaria o novo centro civilizatório do mundo.

Manuel Bandeira e Gilberto Freyre: leituras brasileiras no modernismo ambíguo de Cabo Verde

Júlio Machado

O grupo Claridade, responsável pela publicação da revista de mesmo nome em 1936, constituiu a primeira experiência de carácter modernista na África de colonização portuguesa. Ainda que tivesse como um de seus objetivos a busca da emancipação literária de Cabo Verde com relação à metrópole, valores ideológicos afins à política colonial salazarista estão presentes nas páginas de seus autores. Como resultado, tem-se um modernismo ambíguo, que busca afirmar-se antes pela transição que pela ruptura. No presente trabalho, analiso a presença de dois autores brasileiros na constituição de tal ambiguidade modernista cabo-verdiana: Manuel Bandeira, principal poeta do modernismo de extração penumbriada; e Gilberto Freyre, base ensaística tomada de empréstimo pelos autores do grupo para a análise da formação cabo-verdiana.

“Afinal, quem é que os «deu à luz»?”. Um caso de lectio faciliior na leitura da *Carta sobre a génese dos heterónimos*

Enrico Martines

A minha comunicação tem como objetivo propor uma revisitação da célebre carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de Janeiro de 1935, um dos textos mais importantes do modernismo português. A revisitação é feita a partir da leitura diferente de uma vogal dentro de uma palavra contida na extensa epístola. A comunicação convoca o princípio filológico da lectio faciliior e a sua aplicação nas muitas edições que a carta recebeu. Ao explorar a semântica de ambas as leituras - a que foi reproduzida até hoje e a nova leitura proposta -, a comunicação permite questionar a relação de Fernando Pessoa com os seus heterónimos. A lectio difficilior proposta configura uma leitura da palavra em questão que parece mais rica e coerente com o contexto da obra pessoana.

Revisitar a vanguarda, redistribuir os louros: as antologias do concretismo no século XXI

Marina Mattar

Em consonância com os experimentos tipográficos e editoriais do começo do século XX, o movimento internacional da poesia concreta deu continuidade aos pressupostos modernos, colocando em voga o uso da visualidade na linguagem escrita, a possibilidade de criar em novos suportes e a noção de que a poesia é uma linguagem apartada da literatura. Fora das questões formais, o movimento concreto proporcionou ao público a percepção do surgimento de uma prática poética comum, feita em diferentes partes do mundo, mas unidas por uma maneira similar de fazer poesia. Essa noção de "unidade" aparece nas diversas antologias internacionais publicadas entre os anos de 1960-1970, que reúnem poetas e artistas de variadas partes do globo em torno da estética concreta. As seleções empregadas dependem dos recortes e da autoria das antologias, assim como do seu país de origem e da intencionalidade da publicação. No entanto, esses materiais podem ser reconhecidos como documentos históricos que definiram o cânone da poesia concreta, seja pela grande quantidade de publicações, repetição de nomes e ou pelo desejo de sistematização impregnado nos discursos presentes nesses materiais. Com a renovação do interesse pelo tema, a partir dos anos 2010 começam aparecer novas antologias que revisitam o movimento e buscam resgatar o passado da poesia concreta para reorientar o futuro, fazendo justiça a autores (e especialmente autoras) cuja prática não fora reconhecida à época e reescrevendo um importante capítulo da história da poesia mundial, que ainda carece de resgate documental, visão crítica e justificação histórica. Dessa forma, essa comunicação propõe discutir a produção de antologias do concretismo publicadas no século XXI comparando-as com as publicações do século XX, a fim de compreender a revisão empreendida à trajetória do movimento, investigando a seleção de poetas, os recortes empreendidos nos materiais, o discurso empregado - teórico-crítico, histórico e contextual, além de outros elementos relevantes.

Nas ruínas de 22: destruições e reconstruções do modernismo

Eduardo Sterzi

No momento mesmo, 1924, em que Oswald de Andrade colocava sua própria obra — mais especificamente, a poesia pau brasil — e, em alguma medida, todo o modernismo brasileiro sob o signo de uma construção que, na verdade, é desde sempre já reconstrução (o mundo estava, ainda, sob o impacto da Grande Guerra de 1914-1918: «E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral»), Mário de Andrade detectava, no primeiro romance propriamente de vanguarda oswaldiano, *Memórias sentimentais de João Miramar*, «a mais alegre das destruições», perpetrada sob o signo do dadaísmo. Se considerarmos os dois juízos como pertinentes, teremos de admitir que, neste momento originário do modernismo brasileiro, construção e destruição são ações complementares e mais ou menos simultâneas, e não simplesmente antagônicas, constituindo ambas uma dialética que talvez guarde a própria definição da arte moderna em contexto periférico e da dinâmica histórica a ela implícita. Vale lembrar que essa dinâmica se verifica um pouco por toda parte no Brasil em acelerada modernização dos anos 20, mas sobretudo em suas regiões mais tocadas pelo «progresso» — é emblemático disso, por exemplo, na então capital federal, o desmonte do Morro do Castelo, que abrigava edificações remanescentes da fundação da cidade do Rio de Janeiro (assim como moradias populares) por meio de mangueiras hidráulicas — procedimento, na sua brutalidade, marcadamente moderno — e a utilização dos seus escombros para aterrar, entre outras áreas da cidade em processo de elitização, o espaço em que seria montada a Exposição Internacional do Centenário da Independência, realizada em 1922 (mesmo ano, como se sabe, do grande evento de afirmação do modernismo brasileiro, desta vez em São Paulo, a Semana de Arte Moderna). A engenharia, a arquitetura e o urbanismo se apresentam aí como campos não só de disputa concreta dos territórios da cidade, mas também de embate simbólico pelos sentidos do moderno. Não por acaso, essa dimensão construtiva (mas também, como vimos, destrutiva) tanto ocupará a imaginação de escritores, mas também cancionistas e praticantes de outras artes. Nesta conferência, revisitaremos alguns momentos decisivos dessa história de destruições e (re)construções, incluindo, além dos exemplos já citados, poemas de Carlos Drummond de Andrade sobre edifícios e ruínas, o percurso que nos leva das imagens de monumentos no momento de eclosão modernista (o debate em torno do Monumento do Ipiranga, a Pirâmide do romance *O homem e a morte de Menotti del Picchia* etc.) até os antimonumentos tropicalistas, ou ainda a trajetória que nos conduz da construção de Brasília como cidade moderna por excelência, com todas as contradições sociais aí envolvidas, até o golpe de 1964 (situação que rendeu textos fundamentais de autores como Clarice Lispector) e a tentativa de golpe de janeiro de 2023 (que teve como alvos preferenciais, do ponto de vista cultural, não só o patrimônio arquitetônico da capital, mas também algumas obras importantes do seu acervo modernista, de artistas como Di Cavalcanti, Brecheret e Ceschiatti).

As revisitações do Modernismo brasileiro em práticas literárias e interartísticas indígenas contemporâneas

Alva Martínez Teixeira

A presente comunicação pretende examinar criticamente o debate contemporâneo indígena sobre o Modernismo brasileiro a partir da reflexão sobre certas propostas literárias, artísticas e interartísticas indígenas que se (re)apropriam de práticas, visões de mundo e narrativas indígenas que foram objeto de apropriação cultural por parte do Modernismo brasileiro, criando, assim, uma complexa rede de intertextualidades críticas, tensões e transformações. Desta perspectiva, a comunicação analisará, a partir de alguns exemplos paradigmáticos, as interessantes relações que as artes indígenas estabelecem com duas criações basilares do Modernismo: o projeto antropofágico e o mito social de Macunaíma. Pretende-se, portanto, refletir brevemente sobre o modo como essas duas criações modernistas são rearticuladas na 'devoração' poética e videopoética de certos tópicos oswaldianos praticada por Ellen Lima Wassu, na 'Reantropofagia' proposta por Denilson Baniwa nas suas práticas pictórico-literárias ou no 'resgate' de Makunaimã em Makunaimã: o mito através do tempo, uma obra híbrida, interartística e de autoria múltipla.

Reverberações modernistas em romances brasileiros do século XX

Rosani Umbach

A Semana de Arte Moderna de 1922 teve como um de seus principais legados para a literatura e cultura brasileiras o estímulo à consciência crítica do leitor. Algumas obras deram mais atenção aos problemas brasileiros, pois o movimento modernista acreditava que as expressões artísticas, literárias e culturais deveriam retratar criticamente o país expondo um conteúdo social e possibilitando o protagonismo de grupos marginalizados. Obras como *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, passaram a refletir mais sobre as preocupações psicológicas e sociais. Este trabalho procura destacar tais elementos nesse e em outros romances brasileiros do período ao mesmo tempo em que tece considerações em torno da sobrevivência de vozes em permanente diálogo e acerca do legado do modernismo presente ainda na contemporaneidade.

Memorabilia da infância em “Tempo da camisolinha”, de Mário de Andrade: conflito de gerações, família e experiências infantis entre cachos, camisolas e estrelas-do-mar.

Érica Schlude Wels

A partir da convocatória da Seção 6 do Lusitanistentag 2025, “Modernismos lusófonos: interconexões, (re)articulações, traduções, revisitações”, a presente proposta visa relacionar o conflito geracional, a representação autobiográfica da criança e a composição familiar presentes no conto “Tempo da camisolinha”, de Mario de Andrade, a traços da estética expressionista.

A obra integra o volume póstumo Contos Novos (1945), o qual contém nove narrativas curtas, produzidas ao longo da vida do autor. “Tempo da Camisolinha” apresenta as reminiscências da infância do narrador-personagem Juca, que inicia o relato com o trauma do corte de seus cabelos cacheados, principal responsável pelo estranhamento de sua figura em fotografias de família.

Rosenfeld (1993) destaca como temas característicos da chamada Segunda geração da dramaturgia expressionista “o conflito de gerações e a fraternização humana” (1993, p. 298). Ambos os traços percorrem as memórias da criança que, desgostosa com o cabelo cortado rente e a exigência, por parte da mãe convalescente, das camisolinhas do título, explora o ambiente ao redor, sujando-se com lama, em contato consigo, com a natureza e com outrem, como nas conversas com os operários de uma construção vizinha. A família do escritor costumava passar as férias na praia de Santos, no Litoral de São Paulo. Contudo, o ambiente marítimo afugenta o pequeno Juca, que busca, assim, refúgio na imaginação.

O que move o narrador nos recortes temporais é a experiência: como o corpo e o ser infantil ganham contornos autônomos frente à tirania adulta. Num gesto fraterno e impulsivo, após momentos de angústia, o menino doa uma estrela-do-mar de seu valioso acervo, a fim de que ela afaste a má sorte de um trabalhador, que passa por dificuldades. Sabendo-se da relevante influência da vanguarda expressionista na obra de Mario de Andrade, objetiva-se reconstruir o percurso do narrador do conto em questão, tendo como foco aspectos do movimento alemão revisitados no conto do autor brasileiro.